



Jornal Laboratório do UniCEUB

# Esquina

SETEMBRO | 2008

Felipe Rocha



Pesquisa realizada em restaurantes de Brasília mostra que a taxa de contaminação em saladas por coliformes fecais é 24 vezes maior que a permitida pela Anvisa. **Página 2**

## Mais do mesmo

Microônibus não conseguem acabar com os problemas do transporte público do DF. As reclamações continuam.

**Página 3**

## Haja disposição!

Medicina e atletismo, arquitetura e música. Como conciliar profissões e hobbies tão diferentes?

**Página 5**

## Educação X Violência

Lançada a campanha "Quem bate na escola maltrata muita gente" para combater a violência nos colégios.

**Página 7**

## Monopólio cultural

Rio de Janeiro e São Paulo recebem a maior parte da verba da Lei Rouanet destinada a cultura.

**Página 8**



# Saladas do DF contaminadas

2

Pesquisa mostra coliformes fecais em hortaliças de self-services de Brasília

Clara Cruvinel  
claracruvinel@gmail.com

A praticidade que a correria do dia-a-dia exige pode ter um alto preço. A solução para a falta de tempo muitas vezes é recorrer aos restaurantes self-services, onde a comida a quilo, se indevidamente preparada e servida, pode trazer diversos problemas à saúde. Entre março e abril deste ano, a estudante de Agronomia da UnB Cecília Rodrigues da Silva pesquisou dez restaurantes self-services do Plano Piloto de Brasília, avaliados de populares aos “chiques”, de shopping. O trabalho mostrou que hortaliças como alface e tomate estavam contaminadas com coliformes fecais em taxas 24 vezes acima do permitido pela Anvisa, de acordo com a resolução RDC 12, de 2001. Pesquisas feitas no final do ano passado mostravam até salmonela, bactéria que pode causar a morte.

No Distrito Federal há 2.103 restaurantes e 180 fiscais para inspecioná-los. Esse mesmo contingente também fiscaliza farmácias e drogarias, hospitais, clínicas radiológicas, bares, lanchonetes, serviços alimentícios ambulantes e laboratórios de patologia, chegando a um número de quase 50 mil estabelecimentos.

Segundo a gerente de fiscalização da Vigilância Sanitária do Distrito Federal, Maria das Graças Ferreira, é impossível fiscalizar o total de estabelecimentos da capital. “Por dia, dependendo da complexidade, cada dupla de inspetores faz de uma a cinco visitas em estabelecimentos. Em cada restaurante do DF nós vamos uma ou duas vezes por ano. O ideal seria quatro inspeções anuais”, afirma.

A gerente de fiscalização revela ainda que não há contratação de novos funcionários há 14 anos e que 180 fiscais é insuficiente. Para ela, o ideal seria o dobro do número atual, ou seja, 360 fiscais. A Vigilância realiza por ano 45 mil inspeções,

número muito abaixo do ideal, sendo praticamente uma inspeção por ano em menos do total de estabelecimentos. Na atual le-

gislação, a concentração aceitável é de 100 colônias de coliformes fecais por grama. Nas amostras coletadas, foram encontrados números 24 vezes maiores, igual ou superior a 2.400 colônias por grama. Segundo a estudante, a presença elevada dessas bactérias por grama pode ter diversas causas, entre elas a má higienização e manipulação errada dos alimentos, desde o plantio até a distribuição. A estudante teve autorização dos proprietários dos dez restaurantes para coletar as 30 amostras utilizadas durante os três meses da pesquisa. Por esta razão, Cecília não revelou ao **Esquina** os nomes dos estabelecimentos.

A Vigilância reconhece que a presença de coliformes é muito acima da média, sendo inapropriada para o consumo humano, e diz que nesse ano ainda não houve coleta de amostra de alimentos servidos nos self-services do DF. A Vigilância Sanitária garante que o possível é feito em relação à fiscalização e que a ajuda do consumidor é fundamental. “O cidadão pode denunciar irregularidades também. Através de denúncias, já interditamos muitos locais”, explica a gerente de fiscalização. Maria das Graças afirma que devido ao pouco contingente, a Vigilância prioriza os restaurantes que mais atingem pessoas, como os restaurantes comunitários. Para denunciar, o consumidor deve reparar nas condições em que as comidas estão expostas e nos funcionários do local.

Os alimentos crus devem estar com proteção meio metro acima do aparador onde está servido, sendo que a temperatura ideal é entre 2°C e 8°C. Essa proteção evitará que a saliva chegue ao alimento e prolifere bactérias. Já os alimentos quentes não



Maria das Graças Ferreira, gerente de fiscalização da Vigilância Sanitária do DF

precisam de proteção, mas é importante reparar se saem vapor, ou seja, se estão bem aquecidos. Alimentos quentes devem estar acima de 50°C. Os funcionários que manuseiam os alimentos devem estar vestidos com uniformes limpos, com proteção no cabelo, unhas limpas e aparadas e não podem manusear dinheiro.

No dia 26 de agosto, terça-feira, a equipe do **Esquina** denunciou um restaurante à Vigilância Sanitária do DF. O self-service tem diversos problemas, como funcionários não uniformizados adequadamente, sem luvas, por exemplo; alimentos crus sem proteção indicada e pratos quentes sem aquecimento constante. Além disso, o banheiro do local não tem aspecto higiênico. A Vigilância garantiu que em uma semana algo seria feito, mas depois de oito dias úteis, o restaurante self-service ainda não havia sido inspecionado pela Vigilância Sanitária do Distrito Federal.

## Faça você mesmo

Yolanda Silva, nutricionista e especialista em saúde pública da UnB, diz

que todo cuidado é pouco com alimentos crus. “Cólera e hepatite são derivadas dos coliformes fecais. Por isso, temos que higienizar todo alimento cru, desde a cebolinha e salsinha do tempero, até um legume ou fruta”, alerta.

A especialista explica que higienizar os alimentos crus é algo simples e rápido. Para qualquer verdura, legume ou fruta, basta a medida de 1 litro de água para 1 colher de sopa de água sanitária e deixar agir sobre os alimentos por vinte minutos. A higienização só não tem necessidade quando o legume ou verdura serão cozidos. Afinal, a tem-

peratura elevada já elimina os vermes e bactérias.

**“Temos que higienizar todo alimento cru, desde a cebolinha e salsinha do tempero, até um legume ou fruta”**

Yolanda Silva, nutricionista e especialista em saúde pública da UnB

Ela ainda recomenda para quem almoça em self-services que vá entre 11h30 e meio-dia, período em que a salada está fresca. Para ela, quanto mais tarde, pior o estado dos alimentos crus, pois com a exposição prolongada é mais fácil o alimento proliferar bactérias.

**DENUNCIE  
3325-4808**

# Novos microônibus, velhos problemas

A chegada dos 350 novos veículos não foi suficiente para resolver as falhas do transporte público no DF

Ataide de Almeida Jr.  
ataidej@gmail.com

Dois meses após a extinção do serviço de vans e a implantação dos 350 novos microônibus, a equipe do **Esquina** foi saber se os veículos conseguiram amenizar os problemas do transporte público em Brasília. Três linhas de microônibus foram escolhidas: a 0.927 da Ceilândia, que vai do terminal do Setor “O” até o Hospital Regional da Ceilândia; a 157.8, que faz a circular Guará I e II até a Vila Estrutural e a 157.1, que sai do Guará II, passa pela Feira dos Importados até a Rodoferroviária.

Às 8h25 de uma terça-feira, nossa equipe chegou ao terminal de ônibus do setor “O” e esperou por 57 minutos o microônibus da linha 0.927. O veículo já saiu cheio, e na metade do caminho, o motorista já não parava mais para a entrada de passageiros, pois não havia espaço. Algumas pessoas, que pegam essa linha, disseram que a lotação e os atrasos são constantes e muitos preferem pagar mais caro e pegar os ônibus convencionais. A viagem durou 50 minutos, tempo dentro do padrão segundo o itinerário.

A situação da linha 157.8 é pior. Às 14h25 de uma quinta-feira, a equipe estava em uma parada de ônibus próximo à Vila Estrutural. Às 14h38, o microônibus chegou. Durante o trajeto, o motorista contou que aquele carro havia saído às 13h42 do terminal, o que dá quase uma hora de atraso. O cobrador, que não quis se identificar, esclareceu que essa linha demora de 30 a 40 minutos na Estrutural, o que atrasa todo o itinerário. Também ficou claro durante o percurso que a população ainda não sabe o destino dos microônibus, pois várias paradas foram feitas somente para questionamentos sobre o roteiro. Após 40 minutos, a equipe chegava ao terminal do Guará II.

A linha com menos problema, talvez devido ao horário, foi a 157.1. Nossa equipe chegou ao terminal do Guará II às 15h10

e às 15h30 já saía de microônibus. A linha permaneceu vazia durante todo o trajeto. No entanto, o que chamou atenção é que o sistema de bilhetagem eletrônica estava desativado e os passageiros que possuem o cartão *Fácil* não pagavam passagem. O microônibus cumpriu o itinerário e em menos de 40 minutos a equipe chegava a Rodoferroviária.

Ainda ressaltou que o processo de substituição foi feito com vários meses de antecedência, mas em virtude da complexidade da implantação de um novo sistema ainda há dificuldades técnicas. Contudo, a assessoria informou que a DFTrans monitora diariamente as operações de microônibus e realiza os ajustes necessários.

quando se utiliza veículos desprovidos de condições de instalar mecanismos de controle (roleta, bilhetagem eletrônica). Segundo, porque o STPA (Serviço de Transporte Público Alternativo, responsável pelas vans) é um serviço planejado para fazer concorrência de forma predatória, mas não eficiente no transporte público. Os operadores buscavam passageiros a qualquer custo, pouco se importando com a segurança deles e demais transeuntes das vias públicas, pois recebiam por comissão”, esclarece.

Além disso, Flávio Dias também resalta a importância do novo transporte para o programa Brasília Integrada. No entanto, alerta que não é só esse passo que irá resolver o problema do transporte público de Brasília. “Outras questões também precisam ser revistas, tais como os terminais e pontos de ônibus, a implantação de Veículos Leves sobre Trilhos e de Veículos Leves sobre Pneus, as tarifas e a diversificação dos serviços de táxi, a construção de vias exclusivas para ciclistas, a expansão e a correção da rede de calçadas”, esclarece.

Há promessas de entrarem em circulação mais cem novos microônibus, que estão em fase de liberação, totalizando 450 novos veículos. Espera-se que assim, os novos microônibus superem os velhos problemas



Linha 157.1: do Guará II até a Rodoferroviária, itinerário cumprido, situação rara entre os 350 novos microônibus

## Dificuldades técnicas

A Secretaria de Transportes do Distrito Federal, órgão ao qual a autarquia DFTrans está subordinada, informou por meio da assessoria de comunicação que “os microônibus substituíram 51 linhas operadas por ônibus convencionais e 13 operadas por vans e, após a implantação do novo serviço de transportes no Distrito Federal, realizou-se uma série de ajustes em linhas de nove Regiões Administrativas. As medidas, em vigor desde meados de agosto, foram tomadas a partir de solicitações de usuários e de monitoramentos realizados por técnicos da DFTrans”.

Quanto às catracas eletrônicas, as empresas estão fechando contrato com a *Fácil*, responsável pelo sistema de bilhetagem, e durante este período, os usuários do cartão continuarão a ter acesso gratuito aos veículos.

## Avanço importante

Para Flávio Augusto Dias, mestre em Transportes pela UnB, a substituição das vans pelos microônibus é um avanço importante para o transporte. “Essa substituição é necessária principalmente por dois motivos. Primeiro, porque não há como controlar a arrecadação tarifária e a conseqüente arrecadação tributária

**INFORMAÇÕES**  
Sugestões e reclamações  
**156**

Colaboração: Elisa Linhares, Juliana Costa, Karolina Kopko e Maíra Brito.

# Quitinetes viram “mansões” em Brasília

Construção irregular na 404 Norte gera polêmica há mais de 10 anos, mas nenhuma providência foi tomada

Nina Rocha  
ninarocha.l@gmail.com

“**I**ssso aqui não é uma favela”. Esta foi a reação do comerciante Sebastião Caixeta quando questionado sobre o puxadinho irregular localizado na parte de cima do bloco E, na comercial da 404 norte. Sebastião é dono de uma farmácia no local e luta por uma solução para o caso. “Essa construção polui o local, causa raxaduras, infiltrações, goteiras e atrapalha o meu negócio”, completa o comerciante.

Há 12 anos, os proprietários de quatro quitinetes da comercial construíram um segundo andar no telhado. O que era um imóvel de dois quartos, sala, cozinha e banheiro hoje possui o dobro do espaço. “Existe apartamento ali que chega a ter quatro quartos, duas salas, tudo no andar de cima. Os proprietários cobram o dobro do aluguel para os inquilinos, porque o apartamento possui o dobro do tamanho”, diz a moradora de um dos quatro puxadinhos, que não quis se identificar por medo de alguma reação dos proprietários do lugar. “Os apartamentos são repúblicas para estudantes, com, no mínimo, seis moradores”, reclama a moradora.



Na 404 Norte, construção compromete estrutura do prédio, que pode até cair

O proprietário de um açougue na comercial, que também não quis se identificar pelos mesmos motivos, explica que os proprietários já foram notificados, mas nada aconteceu. “Não tomamos outra providência porque a maioria tem medo de atrito com esses moradores e isso é um problema do governo”. De fato, pode haver mesmo atrito com os moradores, pois nenhum quis falar sobre o assunto. Um deles até chegou a dizer que não sabia de nenhuma construção irregular no local onde mora.

A Presidente do Conselho Comuni-

tário da Asa Norte (CCAN), Antônia Leomizia, afirma que construções irregulares são comuns em toda a região, mas admite que é estranho que o puxadinho vertical exista há tanto tempo como se fosse legalizado: “Não é normal que esteja lá há 12 anos e ninguém nunca tenha visto”. Diariamente chegam denúncias de construções irregulares e de invasões urbanísticas no CCAN, principalmente nas quadras 700. Antônia encaminha todas para a Administração de Brasília.

O Administrador de Brasília, Ricardo Pires, explica que a Administração da

cidade não tem poder de fiscalização ou multa. “Recebemos as denúncias que chegam através de Conselhos Comunitários para a Agência de Fiscalização do DF. A Agência faz a vistoria nas regiões e produz um relatório com todas as irregularidades, só então alguma providência mais séria pode ser tomada”.

Construções irregulares como esta podem comprometer o título de Brasília como patrimônio da humanidade, segundo o arquiteto Fabiano Sobreira. “Toda construção precisa de um projeto elaborado por um arquiteto ou engenheiro, que deve ser formalizado pela administração da cidade”, explica Fabiano. O puxadinho pode comprometer a estrutura do prédio, ameaçando a segurança de todos os que circulam pelo local diariamente.

**DENUNCIE**

Construções irregulares

**3961-5102**

## Nova chance para vencer o medo de dirigir

Detran-DF oferece, em parceria com psicólogas, curso gratuito para quem quer controlar ansiedade ao volante e superar dificuldades no trânsito

Paula Bucar  
paula.bucar@gmail.com

**T**raumas pessoais, possibilidade de acidentes, ansiedade e baixa auto-estima. De acordo com a Direção de Educação de Trânsito (Direduc) do Detran-DF, esses são os principais motivos apontados por aqueles que evitam dirigir. No entanto, quem precisa conduzir um veículo passa por cima dessas razões e acaba causando acidentes que poderiam ser evitados. Diante desse problema, o Detran decidiu oferecer o curso gratuito de Iniciação à Superação do Medo de Dirigir.

As aulas acontecem no mínimo uma vez por mês e são ministradas voluntariamente por psicólogas especializadas. O diretor de Educação de Trânsito do Detran-

DF, Miguel Ramirez, explica que as aulas servem para quem quer tirar a carteira mas não consegue passar nas provas e também para quem já é habilitado mas não dirige. Este ano, o curso já teve 770 alunos e, geralmente, é mais procurado por mulheres.

A idéia do curso partiu de Norma Liporoni, psicóloga perita de Trânsito e Examinadora do Detran-DF. Ela possui uma clínica e trabalha com apoio psicológico no trânsito há 19 anos. Norma explica que o curso consiste em três dias de aulas e dinâmicas que promovem o aumento da segurança e da auto-estima. No último encontro, ex-alunos dão depoimentos e trocam experiências com quem está no processo de superação do medo. “Mostramos às pessoas que elas não estão sós e que existe ajuda” conta.

As turmas do curso possuem até 40 alunos das mais variadas faixas etárias e condições sócio-econômicas. O técnico-administrativo Lemoel Dias começou a frequentar as aulas com certa descrença. “Cheguei aqui com uma idéia errada, mas depois percebi que se trata de um trabalho sério e que funciona”. Lemoel faz parte da minoria masculina que frequenta o curso, mas ficou aliviado ao saber que não era o único homem a enfrentar a ansiedade ao volante. A aposentada Vanda Magda também se surpreendeu, só que com a grande procura pelo curso. “Eu tive que esperar, mas logo consegui uma vaga”.

O curso também é frequentado por quem não tem medo do volante. É o caso da servidora pública Néa Tavares Brito,

que vai às aulas para acompanhar o pai, que teve um acidente vascular cerebral há dois anos. Ele quer perder o medo e voltar a dirigir no trânsito cada vez mais movimentado de Brasília. De acordo com Norma Liporoni, os resultados do curso não ficam restritos ao volante. “Ensinamos as pessoas a ter segurança não só para dirigir. Elas levam a autoconfiança que aprendem aqui para toda a vida”, conclui.

**INFORMAÇÕES**

**3901-6979 / 6980**

# Profissão e hobby: o que faz **você** feliz?

Um arquiteto que é vocalista e um médico que é atleta. Saiba como é a vida de gente que não pára!

**Elisa Linhares**  
elisalinhares@gmail.com

Com a Reforma da Previdência Social promovida na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o brasileiro tem que trabalhar mais para se aposentar. Desde 1998, com a promulgação da reforma, a nova idade mínima é de 65 anos para homem e 60 anos para mulher. Mais tem gente que não se contenta com horas de trabalho intenso no cotidiano e procura outras atividades em horário livre.

No século XXI, o estresse passou a fazer parte do cotidiano de muita gente. Isso se deve à prática de muitas atividades e à pressão que elas geram nas pessoas. Tendo esse cenário como referência, uma parcela da população procura desacelerar, usando o tempo de folga apenas para descansar. Porém, outras pessoas seguem o caminho contrário, usando os poucos momentos livres para realizar diferentes tarefas, fazendo disso uma mistura de profissão e hobby. São pessoas nada acomodadas que querem sempre mais!

Nilo Ericson é um exemplo dessas pessoas. Ele é um jovem que está sempre motivado a desenvolver atividades diferentes e criativas. “Criar, inovar, expressar uma idéia em forma concreta ou abstrata é o que realmente me move”, conta. Amante da música e fã de diversos grupos musicais, Nilo Ericson se envolveu com a música quando adolescente. Começou a tocar violão aos 14 anos e, aos 16, já fazia parte de

uma banda. Ele lembra que sua primeira apresentação aconteceu ainda no segundo grau, quando se organizou com os amigos para tocar no festival da escola. Já na fase adulta, na Universidade de Brasília, enquanto cursava arquitetura, tocava nas festas da sua turma. De lá para cá, sua carreira musical teve derrotas e vitórias. Ericson tocou para quatro pessoas no início de sua carreira. Depois de sete anos, tocou na Esplanada dos Ministérios, no Giraffestival, para 100 mil. “A maior sensação de liberdade acontece quando executamos as músicas ao vivo, e as pessoas cantam junto com a gente”, comenta.

Quando terminou o curso na UnB, Ericson começou a trabalhar como arquiteto e formou sua atual banda com nome Birinaite, e que mudou recentemente para Superaudio. Com a rotina do emprego, os ensaios da banda, os shows



Nilo Ericson : Arquiteto e músico

e a gravação do novo álbum, Nilo Ericson diz que é preciso dedicação e força de vontade para se manter motivado.

“Para dar conta de tudo, precisaria que o dia tivesse mais de 24 horas”, brinca. Em dezembro, a banda Superaudio fará o milésimo show, que vai coincidir com lançamento do novo álbum, Minimax.

Outro exemplo é Roberto Galletti, ortopedista, médico do trabalho, Presidente da Associação Brasileira de Medicina do Trabalho (ABRAMT) e atleta profissional. Só de ouvir o paulista de 55 anos falar sobre a sua tripla jornada já dá para cansar. Fã de esportes, aos 15 anos começou por hobby a competir em corridas. Aos 17, entrou no curso de medicina em Ribeirão Preto, São Paulo. Lá, ele começava o dia correndo antes mesmo do início de suas aulas. Com 1,92 de altura, ele acredita que o seu biótipo ajuda na hora de ganhar as competições. O número de medalhas já é de aproximadamente mil.

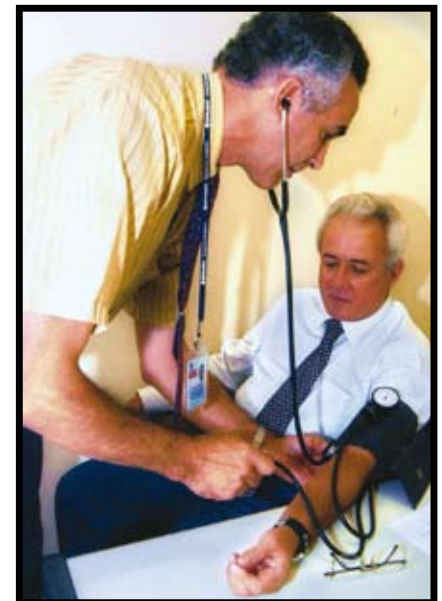
Galletti é vegetariano há 30 anos, não tem vícios e mantém sua alimentação a base de frutas, verduras, soja e derivados do leite. Diariamente, faz musculação e corre de seis a dez quilômetros pelas ruas de Brasília. Sem tempo de fazer um treino específico para a competição, Roberto Galletti leva vantagem pelo seu conhecimento como médico. Ele usa um pouco de física, química, fisiologia e concentração na hora da largada.

Seu próximo passo é o XIV Campeonato Sul-Americano de Atletismo Veterano em Rosário, na Argentina, no período de 22 a 29 de novembro. Ele vai participar do Pentatlo, uma competição que reúne cinco provas distintas: salto em distância, corrida de 200 metros, corrida de 1.500 metros e arremessos de disco e dardo. “As competições são um grande congraçamento entre os atletas e os veteranos têm uma consciência maior de que a prática de esporte é um cuidado com a saúde física e mental”, afirma.

A preocupação com estresse ou idade não existe para Galletti e o fato de nunca ter sido sedentário é motivo de orgulho. “Quero competir até meus 100 anos de idade, mas não penso em colocar anos na minha vida, meu principal objetivo é ter vida nos meus anos”.



Galletti: competindo e consultando



Roberto Galletti é um exemplo da superação de limites e de uma vida com qualidade. Para manter uma vida saudável não é preciso tanto esforço. De acordo com a nutricionista Juliana Gontijo Costa, uma alimentação balanceada e exercícios constantes são necessário para manter o equilíbrio. “Se nutrir de alimentos saudáveis e evitar frituras, industrializados faz bem para o corpo e para o coração. Comer fora de casa não significa comer mal. É preciso organização e disciplina. Uma caminhada três vezes por semana só faz bem,” afirma.



Alexandre Magno

Arquivo pessoal

Roberto Stuckert

# Parto: existe uma opção certa?

Apesar de todos só conhecerem o normal e a cesárea, existem técnicas menos agressivas

**Karolina Kopko**  
kopko.karolina@gmail.com

“**E**ntre dores, você dará à luz seus filhos”. Este foi um dos castigos de Deus à Eva, no momento em que ela foi expulsa do Paraíso. Com um precedente tão importante, é difícil as gestantes não sofrerem antecipadamente com medo da dor. Além disso, a maioria dos médicos oferece apenas as opções normal ou cesárea. No entanto, eles não explicam que há sete tipos de técnica: parto na água, de cócoras, natural, vaginal, fórceps, Leboyer e o parto sem dor. Esta opção deve obedecer a critérios médicos e, principalmente, ao desejo da gestante.

No Brasil, apesar de haver mulheres que demonstram interesse por técnicas de partos mais naturais, ainda são poucas as que o fazem. Em hospitais particulares, cerca de 80% dos partos são cesáreas.

O parto na água é uma modalidade na qual a mulher permanece dentro da água durante o período expulsivo. Daniele Soares está na segunda gravidez, e como na

primeira, quer ter a filha na água, “Dentro da água as dores ficam muito menores”, afirma.

Assim como o parto na água, que pode ser realizado tanto em hospitais como em casa, o parto de cócoras também propicia este conforto. É realizado em posição favorável, porque de cócoras há a ajuda da gravidade. Também aumenta a liberdade de movimentos para a mulher e a recuperação é imediata. Pensando no maior conforto da mãe, foi criada uma cadeira onde ela pode ficar apoiada. O uso dessa cadeira não é obrigatório, mas alguns hospitais alegam não fazer esse tipo de parto pela falta do equipamento.

Engana-se quem diz que parto sem dor é o parto feito com a aplicação de anestesia. Esse parto começa antes do nascimento, durante o pré-natal, período em que a gestante deve receber informações de como reconhecer quais são as verdadeiras contrações e a hora certa de ir para o hospital.

Uma importante questão a ser esclarecida é que o termo “humanizado” não pode

ser entendido como um tipo de parto. A humanização é algo que vai além de fatores externos, pois tem como objetivo dar qualidade de atendimento e conforto à gestante.

De acordo com a obstetra Patrícia Leite, independente do tipo de parto que será

realizado, dar a luz é um sentimento natural: “O conhecimento do parto é uma coisa intuitiva e está dentro da mulher”, afirma. Seja qual for a escolha, é muito importante conversar com o médico.

Colaboração: Juliana Costa



## Conheça outras técnicas de parto

### ➔ Parto Leboyer

Criado pelo obstetra francês Frederic Leboyer na década de 70. Tem o objetivo de fazer com que o nascimento seja menos violento para o bebê.

### ➔ Parto natural

É o parto normal sem intervenções, como anestésias, episiotomia (incisão no períneo) e indução. O médico só acompanha sem intervir.

### ➔ Parto cesárea

Esse tipo de parto é cirúrgico e deve haver motivos clínicos para a realização deste, como gestantes diabéticas, posição do bebê invertida e se o trabalho de parto não estiver progredindo normalmente.

### ➔ Parto fórceps

Quando o parto ficava difícil usava-se o fórceps. Esse instrumento consistia em um par de colheres metálicas que buscava a cabeça do bebê no canal de parto para puxá-lo para fora. Caiu em desuso.

# Bebês aprendem informática

Contato desde cedo com o computador pode ser usado a favor da educação de crianças

**Nathália Cardim e Ana Luiza Lugão**  
natche\_mpsg@hotmail.com/ luizalugao21@gmail.com

**D**urante três meses, a pesquisadora Nanci Martins de Paula fez uma experiência colocando crianças de dois anos em contato com a internet. O objetivo da pesquisa foi a interação das crianças com adultos no ciberespaço, em um processo educativo usando o Messenger - programa de comunicação em tempo real, além de aplicativo com som, imagens e texto, em encontros virtuais on-line.

A pesquisa foi desenvolvida na disciplina Arte, Cultura, Educação e Ciberespaço, do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, visando o uso dos re-

ursos das mídias por crianças-bebês.

No decorrer do curso, ao acessar a internet, os bebês perceberam a existência de outra pessoa no espaço virtual, chegando a ter consciência da comunicação entre elas e a pesquisadora, que se encontrava em outro local. Passaram também a se comunicar melhor durante as aulas com os colegas e com os pais, além de desenvolverem uma melhora na fala e nas atividades escolares. “Colocar as crianças no tempo em que elas vivem é muito importante. O futuro é hoje. A tecnologia é necessária ao desenvolvimento do bebê. Nós devemos incluir e não excluir coisas na vida das

crianças”, diz Nanci.

“Quanto mais cedo lançarmos as crianças nesse mundo, melhor. Elas conseguiram se comunicar utilizando o computador conectado à internet, por meio de emoticons, da fala em chats, das imagens e dos sons on-line, transmitidos pelas webcams. Nosso mundo hoje tem uma ligação muito forte com o ciberespaço”, explica Nanci. A expectativa da pesquisa é de que esse estudo não fique só como forma de experiência. Que as crianças que “trabalham” com a internet dentro de um processo educativo tenham condições de formar hábitos e habilidades para o uso desse

instrumento poderoso, em termos de conhecimento e interação.

Os meninos puderam estabelecer relações entre o virtual e o real no ciberespaço, além de escutar músicas e brincar. A criança precisa estar inserida como sujeito e agente da sociedade da comunicação e da informação. Esse tipo de iniciativa contribui para entender a importância da informática na educação infantil. “Apresentar o mundo virtual como ferramenta educativa às crianças é muito interessante e importante para que elas se façam presente no mundo de hoje desde a mais tenra idade”, finaliza a pesquisadora.

# Na luta contra a **violência** escolar

Entidades como OAB, MP e Sinpro se unem e lançam campanha no Distrito Federal

**Augusto Viana e Isabel Heringer**  
viana.augusto@hotmail.com/ isabel.heringer@gmail.com

Após inúmeros casos de violência registrados em escolas da rede pública de Brasília, dentre eles o assassinato do professor Carlos Mota, do Centro de Ensino Fundamental do Lago Oeste, o Sindicato de Professores do DF resolveu se mobilizar e enfrentar a situação. No último mês, o Sinpro lançou a campanha “Quem Bate na Escola Maltrata Muita Gente”. O Disque-Denúncia também faz parte da campanha e passou a funcionar no dia 18 de agosto.

A campanha foi apresentada no auditório do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). De acordo com a Diretora do Sinpro-DF, Rosilene Corrêa, o intuito é combater a violência, levantar as causas dela e verificar quem são os responsáveis. O MPDFT, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o Conselho Tutelar, o Conselho Escolar e parlamentares se comprometeram a estabelecer parceria com o Sindicato para levar adiante a iniciativa, prevenir agressões e mudar o dia-a-dia das crianças e adolescentes.

*“A escola tem papel fundamental nesse processo, mas ela por si só não vai conseguir resolver o problema”*

Rosilene Corrêa, diretora do Sinpro-DF

De acordo com o Promotor de Justiça Rubin Lemos, o MPDFT começou a se sensibilizar para tratar o problema há mais de sete anos. “Estruturamos mecanismos para trabalharmos juntos contra a violência e a favor da cultura e da paz. Foi então criado o Grupo de Apoio à Segurança Escolar (GASE)”, lembra o Promotor de Justiça.

Segundo o representante da OAB, Luiz Eduardo Roriz, a entidade abrirá um espaço de discussão sobre a violência escolar. “Vamos trazer família e educadores com o objetivo de conscientizá-los, buscando erradicar a violência pratica-

da nas instituições de ensino”.

Também presente ao lançamento da campanha, o governador do Distrito Federal, José Arruda, declara que não basta combater a violência. Para ele, é preciso a conscientização de que uma cidade que cresce de maneira desorganizada traz grandes problemas.

Para a professora do Centro de Ensino Fundamental nº 4 do Lago Oeste Neide Santana, o aumento nos índices de agressividade tem origem na falta de estrutura familiar. “Os pais precisam colaborar mais com os educadores, impondo limites e passando valores a seus filhos”, diz Santana.

Já a aluna Ana Cláudia Rocha, do 1º ano do Ensino Médio, também do CEF Lago Oeste, afirma se preocupar mais com a possibilidade da violência e as frequentes ameaças fazerem os professores e diretores desistirem da escola e abandonarem o ensino, do que com a falta de segurança no colégio.

A escola de Ana Cláudia passará a se chamar Centro de Ensino Fundamental Professor Carlos Ramos Mota. A inauguração da placa foi dia 12 de setembro, data do aniversário do educador que combatia o tráfico de drogas no colégio e foi assassinado em casa, por dois ex-alunos e um traficante, em 22 de junho passado.

Rita de Cássia, esposa de Carlos Mota, avalia positivamente o lançamento da campanha. “Ao conseguirmos sensibilizar autoridades e sociedade, temos a clara demonstração de que cada um de nós está preocupado em dar a sua parcela de contribuição na luta contra a violência escolar”, analisa a viúva.

O próximo passo da campanha, após estabelecer efetivamente as parcerias, é mapear as escolas e verificar a demanda de cada uma delas. Segundo Rosilene Corrêa, o Sinpro prevê um número mínimo de três escolas por cidade, para que ações concretas possam ser promovidas. “A escola tem papel fundamental nesse processo, mas ela por si só não vai conseguir resolver o problema”, afirma a diretora.



Cartaz da Campanha do Sinpro - DF

A especialista em Direitos Humanos Sandra Nascimento, que desenvolve um projeto de cooperação cultural na Escola Classe do Itapuã, vê a campanha do Sinpro como algo positivo. Nascimento lembra que, para obter êxito, uma campanha contra a violência deve envolver múltiplas ações de proteção a todos os envolvidos no processo educativo, tanto professores como alunos. “Entendo que não se enfrenta a violência com medidas punitivas, mas com medidas educativas, onde o exemplo de respeito aos direitos é o melhor caminho para a transformação social”, opina a especialista.

Já para Cleo Fante, autora do livro Fenômeno Bullying – Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz, os dois passos decisivos para que a campanha dê certo são a conscientização e o comprometimento. “O envolvimento de todo o pessoal das escolas, dos familiares e da comunidade em que cada escola está inserida é essencial para obtenção de resultados positivos. Todos devem reco-

nhecer que a responsabilidade de controlar o que se passa entre as crianças e os jovens em uma escola é sua”.

Fante lembra ainda que o tipo de convivência entre os alunos e toda a equipe escolar têm grande influência no processo sócio-educacional. Para ela, é possível e viável o combate à violência nas escolas, desde que haja conscientização, planejamento, investimentos, atitudes de compromisso e de responsabilidade, cooperação e, sobretudo, tempo “Só assim para que uma nova contracultura de paz seja estabelecida nas escolas do Distrito Federal e de todo o país”, afirma a autora.

**DENUNCIE**  
Violência escolar  
**0800 606 0505**

# A inclusão cultural que o povo **não vê**

Rio de Janeiro e São Paulo captaram, nos últimos quatro anos, 73% da verba pública para promover “cultura”

**Tatyusha Campbell**

tatyushacampbell@hotmail.com

Os estados do Rio de Janeiro e São Paulo levaram a maior parte do bolo de recursos captados por meio da Lei de Incentivo à Cultura, também conhecida como Lei Rouanet. Do total de R\$ 4,8 bilhões de recursos obtidos pela Lei até hoje, mais de R\$ 3 bilhões favoreceram a região Sudeste e o restante da verba foi distribuída pelos demais estados. A Lei foi implantada em 1991 pelo Ministério da Cultura (MinC) e é usada por empresas com ou sem fins lucrativos e pessoas físicas e jurídicas que desejam financiar produções artísticas por meio da isenção fiscal no Imposto de Renda.

A Lei Rouanet permite que a empresa escolha onde aplicar o dinheiro e, em contrapartida, o governo não interfere no destino das verbas, além de não estabelecer critérios para eventos que são patrocinados por incentivo. Segundo informou Juliana Brandão, responsável pelo acompanhamento dos projetos no Ministério da Cultura, a população não tem acesso a justificativa do parecer, nem a prestação de contas das empresas, pois essas são feitas direto com o governo. A brecha na tramitação dos projetos permite,

ainda, favorecer espetáculos de artistas famosos. E devido a essa fragilidade, o Distrito Federal aparece em 7º lugar entre as unidades federativas com propostas financiadas pela Lei, com uma repartição total de R\$ 100 milhões, e o estado de Roraima em último, com R\$152 mil.

Em Brasília, os eventos, peças ou projetos patrocinados pela Lei Rouanet têm ingressos no valor médio de R\$ 30,00. E.L. é funcionário de uma empresa em Brasília que elabora os projetos e, por motivos pessoais, preferiu não se identificar. Ele aponta que a lei não obriga a empresa a fazer shows gratuitos ou com um valor mais acessível à população. E.L. frisou que já ocorreu do contratante cobrar ingressos de eventos em que no projeto, aprovado pelo Ministério, já estava incluso todos os custos. “Alguns anos atrás isso acontecia freqüentemente, era normal. A lei já não cobre o evento 100%”, informou.

De acordo com o site *Contas Abertas*, foram liberadas as quantias de R\$ 900 mil para a gravação do DVD da cantora brasileira Vanessa da Mata, R\$ 9,4 milhões para apresentações do Cirque du Soleil no País e R\$ 4 milhões para o filme *O Doce Veneno do Escorpião*, baseado no livro de Rachel Pacheco, a Bruna Surfistinha. Esses valores correspondem a apenas 20% dos projetos aprovados e captados através da Lei Rouanet.

Para a professora de literatura da rede pública de ensino Marta Gomes, patrocinar um projeto cultural se torna lucrativo para as instituições. “A empresa ganha visibilidade quando apóia grandes projetos”, aponta. Como exemplo, a professora citou as organizações *Globo*



DVD + CD Vanessa da Mata: preço médio 40 reais

por ser a que mais utiliza a Lei no que diz respeito à produção de filmes.

“As empresas acabam não investindo em peças de artistas anônimos. A sociedade perde”, ressalta Marta Gomes.

*O Bicho de Sete Cabeças, Cidade de Deus, A Partilha e Eu, tu e eles*, são exemplos de filmes que levam a marca das organizações Globo e da Lei Rouanet. Os preços dos DVDs nas prateleiras das lojas variam de R\$20,00 a R\$35,00.

A artista plástica Márcia Almeida encaminhou, no início de 2005, um pedido ao MinC para implantar no Distrito Federal o projeto social “Arte circense – nas ruas”. Segundo a artista, a proposta tinha o objetivo de levar de graça o teatro infanto-juvenil para as periferias da cidade. Porém a idéia, não foi aprovada.

“Eles não me deram retorno, não explicaram porque o projeto não foi aprovado, sendo que o meu, no

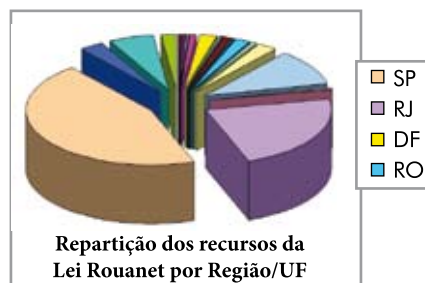
caso, cumpriu todas as exigências.

Simplemente sai no site que o projeto não foi beneficiado e pronto”, frisou Márcia Almeida. O que chamou mais a atenção da artista plástica é que a maioria dos projetos aprovados para a região Centro-Oeste tem o custo muito baixo.

## Congresso

A Câmara dos Deputados analisa cinco Projetos de Lei, que prevêem melhor distribuição dos recursos de renúncia fiscal para financiamento de projetos culturais. O deputado Raul Henry (PMDB-PE) é o autor da proposta nº1139/07, que propõe a distribuição dos recursos de acordo com os percentuais populacionais das regiões brasileiras. Ele ressalta que é preciso tornar mais justa a repartição dos recursos.

O Parlamentar acredita que se trata de dinheiro público e os princípios de igualdade entre as regiões e fomento à cultura local, expressos na Constituição, deveriam “ser respeitados”. A porção está em análise na Comissão de Educação e Cultura, apensado aos PLs 2151/07 da deputada Perpétua Almeida (PCdoB/AC), 2575/07 do deputado Sebastião Bala Rocha (PDT/AP), 3301/08 do deputado Carlos Bezerra (PMDB/MT), 3686/08 do deputado Evandro Milhomen (PCdoB/AP). Os deputados justificam que a maioria dos projetos fica restrito ao eixo Rio-São Paulo - região que, segundo eles, detém a maior concentração da renda.



## expediente



### Reitor

Getúlio Américo Moreira Lopes

### Vice-Reitor

Edevaldo Alves da Silva  
Pró-Reitora Acadêmica  
Elisabeth Manzur  
Pró-Reitor de Legislação  
Lauro Franco Leitão

### Pró-Reitor Administrativo

Edson Elias  
Secretário Geral  
Maurício de Souza Neves  
Diretor da FATECS  
José Pereira da Luz Filho

### Coordenador de Comunicação Social

Henrique Moreira

### Professor Responsável

Renato Ferraz

### Supervisor Técnico

André Ramos

### Monitor

Peu Lucena

### Editora-Chefe

Luiza Gnone

### Editor de Arte

Ian Ferraz

### Equipe

Ana Luiza Lugão  
Augusto Viana  
Ataíde de Almeida Jr.  
Clara Cruvinel  
Elisa Linhares  
Isabel Heringer

Juliana Costa  
Karolina Kopko  
Maíra Brito  
Nathália Cardim  
Nina Rocha  
Paula Bucar

